

OCUPAR É PRECISO

A HISTÓRIA DE OCUPAÇÕES E A
OCUPAÇÃO COMO FAGULHA PARA A
LIBERDADE



<https://fb.com/questionetudo000>

<https://fb.com/comiteacaoPOA/>

email: desordemordeira@riseup.net

Quem somos nós?

Somos o COMITÊ DE AÇÃO DE PORTO ALEGRE, mas isso é só um nome. Não pretendemos ter líder nem liderar, nem sequer ter bandeiras ou ser um grupo organizado o que não quer dizer que não nos organizemos enquanto grupo. Tão pouco o “Porto Alegre” no nome quer dizer algo mais que uma mera referência a uma convenção que nos foi imposta – a de estar em um lugar que recebeu esse nome de alguém. Estamos espalhados e não estamos sozinhos. Não pertencemos a lugar algum e estamos em todos os lugares. Somos parte de um todo não um todo sozinhos.



As Escolas Autogeridas

Numa escola autogerida os alunos descobrem que possuem o poder, coletivamente, de transformar tudo que está a sua volta e, a partir disso, mudar o mundo. Descobrem que, ao invés de perambularem pelos corredores, como máquinas, presos a ordens ditadas por seus professores, conteúdo didático arbitrário, provas, existe um eu dentro deles, capaz de tomar decisões, de formular suas próprias ideias. Descobrem que podem se relacionar uns com os outros não apenas mandando ou obedecendo, mas cooperando, adquirindo solidariedade e estabelecendo objetivos comuns. Percebem que não precisam mais viver com temor de ser "repreendidos" pela "sociedade" por não fazerem "sua parte" e se "adaptar". Que tais crenças são uma estratégia para mantê-los enfraquecidos e intimidados, e assim sustentar a sociedade que os escraviza. Que possuem controles sobre si mesmos. Como que num ato de despertar, veem o espaço que os cerca como algo que faz parte deles

mesmos e, assim, no lugar de tentar destruí-lo, sentem um verdadeiro amor por ele, pois ele não é mais uma jaula usada para encarcerá-lo, mas um ambiente onde sua consciência se eleva, onde seus valores, morais e artísticos, podem florescer. Estão fazendo surgir um novo mundo, em que já não pedem a "mudança de políticas do governo", mas o direito básico, fundamental, de terem controle sobre o próprio potencial criativo que surge de atividades espontâneas! Uma vida onde os alunos tem sede por aprender e mudar o mundo a sua volta!



Viva os espaços autogeridos!

Relato de um participante das ocupações da Universidade de Sorbonne, na França, Maio de 1968

A consciência do poder coletivo é a primeira etapa em direção à apropriação do poder social (mas apenas a primeira etapa, como será mostrado logo a seguir). Conscientes do seu poder coletivo, os ocupantes da universidade, trabalhadores e estudantes, começam a se apropriar do poder de

decidir, eles começam a aprender a comandar suas próprias atividades sociais. O processo de desalienação política começa: a universidade é desinstitucionalizada; o prédio é transformado em um lugar que é dirigido pelos seus próprios ocupantes. Não há “especialistas” nem “responsáveis”. A comunidade é responsável coletivamente pelo que acontece, e pelo que não acontece, dentro do prédio ocupado. Atividades sociais anteriormente especializadas se tornam integradas nas vidas de todos os membros da comunidade. Atividades sociais não são mais executadas por coerção direta nem pela coerção indireta do mercado (i.e., a ameaça de pobreza ou fome). Como resultado, algumas atividades sociais, como arrumar o cabelo ou enfeitar as unhas, não são mais executadas.

Outras atividades, como cozinhar, varrer os quartos, limpar os banheiros - tarefas executadas por pessoas que não tem outra escolha em um sistema coercitivo - são deixados sem fazer por vários dias. A ocupação mostra sinais de degeneração: a comida é ruim, os quartos, sujos, os banheiros, inutilizáveis. Essas atividades se tornam a ordem do dia para a assembleia geral: todos estão interessados em sua execução eficiente, e ninguém é coagido institucionalmente para desempenhar essas tarefas. A assembleia geral é responsável pelo seu desempenho, o que significa que todos são responsáveis. Comitês de voluntários são formados. Um Comitê de Cozinha melhora a qualidade das refeições, a comida é de graça: ela é provida por um comitê de vizinhanças e por camponeses.

Um serviço de arrumação se incube de manter os banheiros limpos e guarnecidos com papel higiênico. Cada comitê de ação limpa sua própria sala. As tarefas são executadas por professores, estudantes e trabalhadores. Nesse ponto, todos os ocupantes do Censier são trabalhadores. Não há mais trabalhos elevados e trabalhos de baixo status; não existem mais tarefas intelectuais e manuais, trabalho qualificado e não qualificado; há apenas atividades socialmente necessárias..

*Fredy Perlman, Comitê de Ação de
Trabalhadores e Estudantes*

Ps: estamos revisando uma tradução do relato completo, feito na ocasião das ocupações em massa de fábricas e universidades durante o Maio de 1968, na França. Caso queira contribuir ou lê-lo, peçam na página [Questione Tudo](#).

Maurice Briton, Maio de 1968

Os professores universitários "progressistas", os comunistas, e uma parte dos estudantes veem a principal raiz da "crise" estudantil (as ocupações universitárias no Maio de 1968) no atraso da universidade em relação às necessidades atuais da sociedade, na inadequação quantitativa que as mensalidades levam, nas atitudes semi-feudais de alguns professores, e na insuficiência geral de oportunidades de trabalho. Eles veem a Universidade como obsoleta para o mundo moderno. O remédio para isso seria adaptação:

uma reforma modernizadora que removeria as teias de aranha providenciaria mais professores, melhores salas de leitura, um orçamento educacional maior, talvez uma atitude mais liberal no campus e, no fim disso tudo, um emprego garantido.

Os rebeldes (o qual incluem alguns, mas de forma alguma todos dos "antigos" revolucionários) veem a preocupação de adaptar a universidade a uma sociedade moderna como uma distração. Já que é



a sociedade moderna em si mesma que eles rejeitam. Eles consideram a vida burguesa trivial e medíocre, repressiva e repressora. Eles não têm quaisquer ambições (mas sim apenas desprezo) pelas carreiras administrativas e burocráticas que a sociedade os assegura. Eles não procuram integração à sociedade adulta. Pelo contrário, eles estão buscando uma chance de contestar radicalmente sua adulteração. A força dominante de sua revolta é sua própria alienação, a falta de sentido da vida sob o capitalismo burocrático

moderno. Certamente não é devido a uma deterioração puramente econômica de seu padrão de vida.

A Delinquência Acadêmica – Maurício Tragtemberg

Ao analisar a “crise de consciência” dos intelectuais norte-americanos que deram o aval da “escalada” no Vietnã, Horowitz notara que a disposição que eles revelaram no planejamento do genocídio estava vinculada à sua formação, à sua capacidade de discutir meios sem nunca questionar os fins, a transformar os problemas políticos em problemas

Pois ciência implica no exercício da crítica e essa é inseparável da existência da liberdade.

Maurício Tragtemberg



técnicos, a desprezar a consulta política, preferindo as soluções de gabinete, consumando o que definiríamos como a traição dos intelectuais. É aqui onde a indignidade do intelectual

substitui a dignidade da inteligência.

Nenhum preceito ético pode substituir a prática social, a prática pedagógica.

A delinquência acadêmica se caracteriza pela existência de estruturas de ensino onde os meios (técnicas) se tornam os fins, os fins formativos são esquecidos; a criação do conhecimento e sua reprodução cede lugar ao controle burocrático de

sua produção como suprema virtude, onde “administrar” aparece como sinônimo de vigiar e punir – o professor é controlado mediante os critérios visíveis e invisíveis de nomeação; o aluno, mediante os critérios visíveis e invisíveis de exame. Isso resulta em escolas que se constituem em depósitos de alunos, como diria Lima Barreto em “Cemitério de Vivos”.

A alternativa é a criação de canais de participação real de professores, estudantes e funcionários no meio universitário, que se oponham à esclerose burocrática da instituição.

A autogestão pedagógica teria o mérito de devolver à universidade um sentido de existência, qual seja: a definição de um aprendizado fundado numa motivação participativa e não no decorar determinados “clichês”, repetidos semestralmente nas provas que nada provam, nos exames que nada examina, mesmo porque o aluno sai da universidade com a sensação de estar mais velho, com um dado a mais: o diploma acreditativo que em si perde valor na medida em que perde sua raridade.

A participação discente não constitui um remédio mágico aos males acima apontados, porém a experiência demonstrou que a simples presença discente em colegiados é fator de sua moralização.

<https://www.espacoacademico.com.br/014/14mtrag1990.htm>

Tudo Pode Acontecer – Fredy Perlman



Em Turim e Paris, por exemplo, os estudantes ocuparam as suas universidades e formaram assembleias-gerais em que todos os estudantes tomaram todas as decisões. Por outras palavras: os estudantes começaram a gerir as suas próprias universidades. Não para terem melhores notas, porque acabaram com os testes. Não para terem empregos com salários mais altos e mais privilégios, porque começaram a discutir a abolição dos privilégios e dos empregos com salários altos; começaram a discutir o fim de uma sociedade em que tinham de se alienar. E nesse ponto, por vezes pela primeira vez nas suas vidas, começaram a aprender.

Em Paris, jovens trabalhadores, inspirados pelo exemplo dos estudantes, ocuparam uma fábrica de aviões e trancaram o diretor. Os exemplos multiplicaram-se. Outros trabalhadores começaram a ocupar as suas fábricas. Apesar do facto de durante toda a vida terem dependido de alguém que tomasse as decisões por eles, alguns trabalhadores criaram comités para discutirem a gestão da greve

em conformidade com as suas próprias condições e não com as do sindicato, deixando todos os trabalhadores decidir – e alguns trabalhadores criaram comissões para discutirem a autogestão das fábricas. Uma ideia em que normalmente não faz sentido pensar, porque é absurda e impossível, tinha-se tornado subitamente possível e passou a ser interessante, desafiante, fascinante. Os trabalhadores começaram mesmo a falar da produção de bens simplesmente devido ao facto de as pessoas necessitarem deles. Estes trabalhadores sabiam que era *“falso pensar que a população é contra serviços públicos gratuitos, que os agricultores são a favor de um circuito comercial cheio de intermediários, que as pessoas mal pagas estão satisfeitas, que os “gestores” estão orgulhosos dos seus privilégios.”* Alguns trabalhadores da indústria eletrônica entregaram equipamento gratuitamente aos manifestantes que se protegiam da polícia; alguns agricultores entregaram comida gratuitamente aos trabalhadores em greve; e alguns trabalhadores da indústria do armamento falaram em distribuir armas a todos os trabalhadores para que estes se pudessem proteger do exército nacional e da polícia.

<https://libcom.org/library/tudo-pode-acontecer>



"O trabalhador não produz a si próprio, ele produz um poder independente. O sucesso desta produção, sua abundância, regressa ao trabalhador como a abundância da despossessão. Todo o tempo e o espaço do seu mundo se tornam estranhos para ele com a acumulação de seus produtos alienados. As próprias forças que nos escaparam mostram-se a nós em todo o seu poderio. O homem separado de seu produto produz cada vez mais poderosamente todos os detalhes do seu mundo e, assim, encontra-se cada vez mais separado do seu mundo. Quanto mais a sua vida é agora seu produto, tanto mais ele está separado da sua vida."

Sociedade do Espetáculo, Guy Debord

A Miséria do Meio Estudantil

O princípio da produção mercantil é este: o extravio do indivíduo na criação caótica e inconsciente de um mundo que escapa inteiramente aos seus criadores. O núcleo radicalmente revolucionário da autogestão generalizada é, pelo contrário, a direção consciente, por todos, do conjunto da vida. A autogestão da alienação mercantil limitar-se-ia a

fazer de todos os homens os programadores da sua própria sobrevivência: é a quadratura do círculo. A tarefa dos Conselhos Operários não consistirá, portanto na autogestão do mundo existente, mas na sua transformação qualitativa ininterrupta - isto é, na superação concreta da mercadoria (da mercadoria enquanto gigantesco desvio da produção das pessoas por elas mesmas). A oportunidade histórica do novo proletariado reside em ser o único herdeiro consequente da riqueza sem valor do mundo burguês; riqueza que se trata de transformar e de superar, no sentido do homem total buscando a apropriação total da natureza e da sua própria natureza. Esta realização da natureza do homem só pode ter sentido através da satisfação sem limites e da multiplicação infinita dos desejos reais que o espetáculo recalca e expulsa para as zonas longínquas do inconsciente revolucionário, e que só fantasticamente é capaz de realizar, no delírio onírico da sua publicidade. Porque a realização efetiva dos desejos reais, quer dizer, a abolição de todas as pseudonecessidades e de todos os pseudo-desejos, diariamente criados pelo sistema para perpetuar o seu poder, não pode conseguir-se sem a supressão do espetáculo mercantil e sem a sua superação positiva.”.

COMITÊ DE AÇÃO DE TRABALHADORES E ESTUDANTES / Ocupações na França, Maio de 1968

O objetivo dos ocupantes do Censier era a destruição das relações sociais capitalistas, mas eles não definiam a si mesmos como o sujeito

histórico que iria derrubar o capitalismo. Suas ações, como aquelas do Movimento 22 de Março, são ações exemplares. Seu objetivo foi comunicar o exemplo para um sujeito mais amplo: os trabalhadores. Para fazer o exemplo fluir da universidade para a população trabalhadora, os ocupantes do Censier criaram uma nova forma social: os comitês de ação de estudantes e trabalhadores.

Cada ação foi desenhada para ir além de si mesma. O objetivo dos ocupantes do Censier não foi criar uma comuna autogerida naquele prédio, mas assegurar a ocupação das fábricas. A ocupação do Censier é uma ruptura com a continuidade; o objetivo dos ocupantes é criar novas rupturas.

Os ocupantes não agiram tomando por base aquilo que é o “normal”, mas tomando por base aquilo que é *possível*. Rupturas radicais com a vida cotidiana não são normais, mas elas são possíveis. Um movimento com o slogan “tudo é possível” prossegue com base no *potencial*, não no habitual.

A tarefa destes revolucionários não é definir as condições que tornam a revolução impossível, mas criar as condições que tornam a revolução possível. Essa orientação é provavelmente a ruptura mais radical do 22 de Março e do Censier com a Esquerda Ocidental, que começa sempre apontando as “condições objetivas” (por exemplo, a apatia, o auto interesse e a dependência dos trabalhadores) que tornam a revolução impossível. O movimento francês começa indo além dos “limites objetivos”, uma orientação que ele compartilha com um punhado de revolucionários cubanos e vietnamitas que começaram uma luta em um tempo em que qualquer análise das “condições objetivas”

deveria levar a uma predição de derrota certa. Os revolucionários franceses romperam a psicologia da derrota, a perspectiva de perdedor, e começaram a lutar. Sua luta, como a dos cubanos e vietnamitas, era exemplar: o exemplo fluía para setores da população que eram de longe muito mais numerosos e fortes do que os revolucionários iniciais.

No espírito do 22 de Março e do Censier, este ensaio não abordará as “condições objetivas” da sociedade francesa, mas as ações exemplares que romperam com tais condições; ele não abordará a apatia, auto interesse e a dependência que tornam

impossível a auto-organização dos trabalhadores e estudantes, mas o papel do Censier em criar as condições de

ruptura radical que torna a auto-organização possível; ele não abordará as condições que impedem a comunicação e a cooperação entre os trabalhadores e estudantes, mas o papel do Censier em fazer tais comunicações e cooperações possíveis. Este ensaio não vai tentar explicar por que o movimento do Censier não foi além, mas porque ele foi tão longe quanto ele foi.

Texto completo <http://goo.gl/KzdEfr>

Foto: filme “Comuna de Paris”, Peter Watkins, disponível no Youtube



Texto do jornal LE LIBERTAIRE nº12: 7 de abril de 1859

“Os humanisferianos satisfazem naturalmente a necessidade de exercício do braço tanto como a necessidade do exercício do ventre. Não é mais possível racionar o apetite da produção, assim como também não é mais possível racionar o apetite do consumo. Cada um consome e produz conforme as suas capacidades, conforme as suas necessidades. Se todos os homens se curvassem sob uma retribuição uniforme, isso faria uns esfomearem e outros morrerem de indigestão. Somente o indivíduo é capaz de saber a dose de trabalho que sua barriga, seu cérebro e suas mãos podem digerir. Quando é dado ração a um cavalo num estábulo, o mestre dá ao animal doméstico esta ou aquela nutrição. Mas em liberdade, o animal raciona a si mesmo, e o instinto lhe diz melhor do que o mestre o que convém ao seu temperamento.

A ausência de ordens, eis a verdadeira ordem. A ordem, personificada na trindade homicida: ferro, ouro e água benta; a ordem à golpes de fuzil, à golpes de bíblias, à golpes de notas bancárias não é senão lei de bandidos, o código do roubo e do assassinato que preside a partilha do butim e o massacre das vítimas. É sobre esse pivô sangrento que gira o mundo civilizado.

Joseph Déjacque
Libertário (= comunista)
(1821-1864)



Trecho de
A Humanisfera – Utopia Anárquica, 1857

Os animais indomados quase não conhecem doença. Tendo tudo em profusão, eles não brigam mais entre si para arrancar um broto de erva. Eles sabem que a pradaria selvagem produz mais pasto do que podem comer, e eles comem em paz uns ao lado

dos outros. Por que os homens brigariam para consumir quando a produção, pelas forças mecânicas, fornece além de suas necessidades?”

**SEJA REALISTA, DEMANDE O IMPOSSÍVEL!
O ATAQUE É A MELHOR DEFESA!
OCUPE!**

Viva uma universidade realmente aberta! Por uma “liberdade acadêmica” baseada em dar autonomia para os alunos

estudarem o que eles mesmos definem, através de rodas de conversa, de debates, e onde todos membros da comunidade possam participar!

Busquemos construir uma ocupação que

vá além das meras reformas, uma que proponha uma educação que “ensine a pensar, não obedecer”! Em outras palavras, um ambiente onde o aprendizado é feito em busca da alegria em aprender, e não para se atingir notas “adequadas”. Onde os alunos apliquem seu conhecimento de forma ativa para transformar o mundo, no lugar de só depositá-lo em suas cabeças para a ocasião em que surgem provas! Procuremos uma educação onde ninguém tem mais autoridade ninguém, onde todos aprendem uns com os outros. E, é claro, o



primeiro passo é usar o espaço da universidade para atividades espontâneas decididas pelos alunos e professores, e não aquelas ditadas por um punhado de ditadores-burgueses-burocratas, cuja preocupação é com as próprias fuças, e não representar de verdade os alunos cotistas. Não deixemos essa oportunidade ser ROUBADA por eles! Não sejamos “alunos” e “professores”: sejamos livres!

